

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Quintana revitalizado

Em 2006, quando se comemorou o centenário de nascimento do poeta alegreense Mario Quintana, a atriz Deborah Finocchiaro estreou *Sobre anjos e grilos*, uma exploração do universo do poeta. De lá para cá, a evidenciar que a obra de Quintana é eterna, a atriz tem trazido à ribalta diferentes versões daquele espetáculo, sempre inovando e acrescentando ou excluindo algumas passagens, de maneira a garantir, de um lado, a integridade da obra e, ao mesmo tempo, suas múltiplas facetas. Ainda agora, na semana passada, o Espaço 373 recebeu uma versão *pocket* do espetáculo, com cerca de uma hora de duração, antecedendo o espetáculo já anunciado do dia 29 de julho, na Casa de Cultura Mario Quintana, onde os 120 anos de nascimento de Mario estão sendo ricamente comemorados.

A amplitude da obra de Quintana permite, evidentemente, quase que infinitas leituras. Cada leitor, de certo modo, pode escolher o roteiro que prefira. Já é clássico escolher os poemas que falam de bairros e ruas de uma hipotética cidade de interior, mas que também pode ser a Porto Alegre de quando o poeta aqui chegou.

O que se destaca, no trabalho de Deborah Finocchiaro - impressão que tive quando de sua estreia e que se reforça agora quando, 20 anos depois, reencontro o espetáculo - é que a atriz, ao escolher os textos, preocupou-se não apenas em organizar um roteiro, mas em buscar um caminho que lhe permitisse explorar diferentes nuances de um espetáculo teatral. Assim, há momentos em que ela pode ler uma entrevista do poeta; em outros, a escolha dos poemas permite-lhe uma interpretação fortemente ritmada, quase cantada, o que reforça imensamente a musicalidade da poesia de Quintana. Em outras passagens, Deborah nos traz poemas que, apesar de antigos talvez já de 50 anos, parecem ter sido escritos ainda ontem, tal a sua atualidade e comunicabilidade.

O resultado desta imensa variedade de nuances na apresentação da obra de Quintana é que o espetáculo se torna extremamente interessante e prende a atenção do

espectador. Dou um pequeno exemplo: o famoso poema do poeta a escrever, à noite, seu poema, numa página em branco, quando por ela cruza uma formiguinha, o que o leva a considerar que ali está a suprema poesia, surge no espetáculo com o auxílio da projeção de um pequeno vídeo com imagem animada, em que se concretiza a narrativa do poema. É um momento bonito e emocionante, a evidenciar o cuidado e o carinho com que a atriz e roteirista leu, escolheu os poemas e buscou trazê-los ao espectador.

A trilha sonora de Chico Ferretti e a iluminação de Leandro Roos Pires ajudam a concretizar este trabalho, evidenciando o respeito e a preocupação em trazer a poesia de Mario Quintana, seja para aqueles seus leitores e admiradores mais tradicionais, seja para as jovens gerações, que não tiveram a oportunidade de acompanhar, por exemplo, as páginas do Caderno de sábado, do Correio do Povo, e que agora só têm acesso à sua obra através dos livros e das dezenas de sites e posts que registram e guardam a sua obra. Mario Quintana nunca integrou a Academia Brasileira de Letras, o que evidentemente merecia. Mas ele não era dado aos beija-mãos necessários

Mario Quintana nunca integrou a ABL, o que por certo merecia. Mas ele não era dado aos beija-mãos necessários para tal eleição.

para tal eleição. De qualquer modo, certamente foi dos poetas mais lidos de sua geração, que compreende Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles ou Manuel Bandeira, o que não é pouca coisa. Lembro, ainda, de suas últimas sessões de autógrafos na Feira do Livro de Porto Alegre: ele ficava horas assinando os exemplares que os leitores levavam, de forma que todos recebessem uma lembrança do poeta.

No momento em que chegamos aos 120 anos de nascimento de Quintana, é importante que um espetáculo que, igualmente, evidencia longevidade (afinal, são 20 anos desde sua estreia) continue com a vitalidade necessária para permanecer em cartaz e provocando o interesse do público - graças à matéria-prima, que são os versos de Quintana, mas também graças à dinâmica e à atualização permanente que leituras atentas e sensíveis como a de Deborah Finocchiaro concretizam.

acontece



BEATRIZ DAMY/TV GLOBO/DIVULGAÇÃO/JC

Interpretada por Débora Bloch, vilã não morreu ao final, o que dividiu opiniões entre o público

Manuela Dias explica por que deixou Odete Roitman viva no remake de Vale Tudo

Mais de nove meses após o último capítulo do *remake* de *Vale Tudo*, exibido em horário nobre pela TV Globo, Manuela Dias comentou publicamente a decisão de manter Odete Roitman viva no fim da novela. Em entrevista ao programa *Jornal da Bahia no Ar*, da Rádio Metrópole, a autora afirmou que a escolha foi pensada como uma crítica à permanência das estruturas de poder e da elite brasileira, diferentemente do desfecho da versão original de 1988.

Segundo ela, manter viva a personagem interpretada por Débora Bloch representa uma metáfora sobre a forma como a elite se reinventa para preservar sua posição. “A elite não morre. A elite e o poder instituído mudam para continuar igual. É como o capitalismo. Para mim, fez todo sentido que a Odete ficasse viva”, afirmou.

Manuela acrescentou que procurou construir a reta final da novela de forma a apresentar diferentes possibilidades para o destino da vilã. “Eu quis oferecer para o público todo o cardápio das possibilidades. Mas a elite não morre.”

A autora também comentou a repercussão das mudanças promovidas na adaptação e disse compreender a reação dos telespectadores. “Entendo a angústia do público com as mudanças. É uma novela icônica, não teria como isso passar e não gerar polêmica. Que bom que virou polêmica, porque a pior coisa é a indiferença”, declarou.

Segundo ela, pesquisas da emissora e os dados de audiência mostraram que os momentos em que a trama mais se distanciou da versão original despertaram maior interesse do público. “Reclamar não significa não gostar. Reclamar é se importar. E a novela foi propondo esse jogo. Não faria sentido fazer uma novela toda igual.”

Manuela citou como principal exem-

plo desse movimento a revelação de que Leonardo, filho de Odete, estava vivo. Segundo a autora, a ideia surgiu durante a madrugada e acabou se tornando uma das principais viradas da história, contribuindo para o crescimento da audiência ao longo da exibição.

A autora também relembrou a relação que teve com *Vale Tudo* desde a infância. “Sempre vi *Vale Tudo* como uma grande oportunidade, como se eu estivesse fazendo um PhD. Vi a versão original quando eu tinha 11 anos. Vi como uma grande oportunidade de aprender”, refletiu.

As mudanças nos rumos de personagens importantes na trama marcaram o *remake* de *Vale Tudo*, projetado para reanimar a audiência da Globo na faixa horária das novelas. No entanto, boa parte das alterações não foi bem recebida pelo público. No caso da morte de Odete Roitman, um dos acontecimentos mais marcantes da teledramaturgia brasileira, alguns espectadores apontaram contradições na cena do crime, além de considerar a solução do *remake* frustrante e muito menos impactante do que a da novela original, exibida entre 1988 e 1989.

Em alguns casos, o próprio elenco sentiu-se desconfortável com a situação. Taís Araújo, por exemplo, falou publicamente sobre sua decepção com as mudanças envolvendo a personagem Raquel. Um dos pilares da trama original, Raquel sofreu mudanças significativas em sua trajetória durante o *remake* - a principal delas, um retorno à pobreza após alcançar o sucesso no ramo culinário. Segundo a Folha de S. Paulo, Taís chegou a registrar uma denúncia no departamento de *compliance* da TV Globo, afirmando que a perda de importância da personagem era uma decisão pessoal de Manuela Dias contra ela e reforçava estereótipos negativos em torno das mulheres negras.